

Variação e mudança linguísticas: olhares sociolinguísticos**Linguistic variation and change: sociolinguistic perspectives**Claudia Teodoro da Silva ^{1*}

RESUMO

Este estudo teve como objetivo apresentar um panorama dos estudos sociolinguísticos para abordar os desdobramentos do fenômeno da variação na sua relação com a mudança linguística. Para tanto, inscreveu-se na pesquisa bibliográfica, levantando as principais contribuições científicas sobre o tema presentes na literatura. Nesse percurso, dialogou com trabalhos de Tarallo, Tarallo e Duarte, Matos e Silva, Alckmin, Chagas, Beline, entre outros pesquisadores que abordam a temática. Fenômenos advindos dos reflexos do elemento social nos usos reais que os falantes fazem da língua, a mudança implica sempre uma variação, mas nem toda variação implica uma mudança. Além disso, a mudança é sempre um processo gradual de substituição de uma forma por outra na língua.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação; Mudança.

ABSTRACT

This study aimed to present an overview of sociolinguistic studies to address the development of the phenomenon of variation in its relationship with linguistic change. For this, he enrolled in bibliographic research, raising the main scientific contributions on the subject present in the literature. In this way, he dialogued with works by Tarallo, Tarallo and Duarte, Matos e Silva, Alckmin, Chagas, Beline, among other researchers who address the subject. Phenomena derived from the reflections of the social element in the real uses that speakers make of the language, change always implies a variation, but not all variation implies a change. Furthermore, change is always a gradual process of substituting one form in the language for another.

Keywords: Sociolinguistics; Variation; Change.

¹ Universidade do Estado de Mato Grosso.

*E-mail: teodoroclaudiaaia@gmail.com

PALAVRAS INICIAIS

Este trabalho teve como objetivo apresentar um panorama geral dos estudos sociolinguísticos para abordar, na literatura da área, os fenômenos linguísticos da relação entre variação e mudança linguísticas.

Inscrito na pesquisa bibliográfica, realizou um estudo bibliográfico a partir de obras, revistas e artigos científicos que versam sobre a teoria sociolinguística e seus desdobramentos quanto ao estudo da variação e da mudança linguísticas, levantando as principais contribuições científicas sobre tema, analisando e comparando as informações apresentadas.

De acordo Vergara (2005), a pesquisa bibliográfica compreende um estudo sistematizado em materiais publicados em revistas, jornais, banco de dados eletrônicos, os quais são acessíveis ao público, em geral, e a pesquisadores.

A sociolinguística é uma teoria linguística voltada ao estudo da diversidade linguística, especificamente o estudo da variação linguística advinda dos usos reais de falantes perante a língua, os quais implicam processos de variação que abarcam aspectos dialetais e de registro.

Nascida da relação dialógica entre diversas áreas do conhecimento, enquanto modelo teórico e metodológico se propagou nos espaços acadêmicos de pesquisa a partir do trabalho de William Labov, o qual estabeleceu a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação.

Os reflexos dos estudos sociolinguísticos reverberam em outras teorias que consideram o fenômeno da diversidade, da variação em suas investigações, particularmente, aqui, a dialetologia, a teoria da gramaticalização, a teoria paramétrica ou a teoria da otimidade.

No que diz respeito ao fenômeno da variação e sua relação com a mudança linguística, a literatura, de modo geral, destaca que toda mudança implica uma variação, mas nem toda variação implica uma mudança linguística. Nesse sentido, resta-nos observar os usos reais da língua e seus impactos sociais nas falas dos sujeitos inseridos em diferentes contextos linguísticos, tendo em vista que a língua não desse ser desvinculada do social, do sujeito e da história que a atravessam.

Por se tratar de um panorama dos estudos sociolinguísticos voltados para as questões de variação e mudança linguísticas, cabe ao leitor, caso julgue necessário, uma imersão na teoria sociolinguística.

OS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS

Pontuando as relações entre língua e sociedade, a Sociolinguística volta-se ao estudo do aparato social constitutivo do homem, ou seja, as interrelações possíveis entre a língua e o social. Inscrita como subárea da Linguística, a teoria nasce alicerçada nos estudos da linguagem cujo foco é a sociedade, tomando a linguagem como reflexo das estruturas sociais, algo dinâmico e inacabado, sujeito às mudanças sociais.

Nessa direção, o homem, como sujeito da/na linguagem, ao colocá-la em funcionamento, aciona diferentes situações de uso, o que traz à tona diversos tipos de variação, já que a língua é impactada pelos processos sociolinguísticos de um falante, segundo a teoria, para quem a língua é uma estrutura, porém sujeita a variações, diferentemente do que acreditava Saussure. Essas variações sobre a língua constituem o escopo dos interesses de estudo da Sociolinguística que busca não só sistematizá-las, mas estudar o caos aparente presente na língua.

No curso de seus alicerces teóricos, a Sociolinguística retoma as exclusões saussurianas (o homem, o social e o histórico) e apresenta, em seus primeiros estudos, em 1964, em Los Angeles, nos Estados Unidos, na Universidade da Califórnia (UCLA), um congresso sob a direção de William Bright, reunindo pesquisadores de diferentes áreas, porém interessados em compreender os fenômenos linguísticos presentes na relação entre linguagem e sociedade e as consequências dessa relação. Entre as presenças marcantes no congresso, estão nomes como os de John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher e José Pedro Rona (ALKMIM, 2003).

Focado em apresentar o objeto de estudo da Sociolinguística, Bright (1966 *apud* ALKMIM, 2003), ao destacar as variações linguísticas como elemento possível de investigação sistematizada, define como objeto de estudo da nova área a “diversidade linguística”. Para ele, tomar esse objeto como estudo é ir além dele mesmo, já que outros fatores se entrelaçam nesse processo, como:

- a) Identidade social do emissor ou falante – relevante, por exemplo, no estudo dos dialetos de classes sociais e das diferenças entre falas

- femininas e masculinas;
- b) Identidade social do receptor ou ouvinte – relevante, por exemplo, no estudo das formas de tratamento, da *baby talk* (fala utilizada por adultos para se dirigirem aos bebês);
 - c) O contexto social – relevante, por exemplo, no estudo das diferenças entre a forma e a função dos estilos formal e informal, existentes na grande maioria das línguas;
 - d) O julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas (ALKMIM, 2003, p. 29).

Como observado, a Sociolinguística nasce de uma relação dialógica com outras áreas de conhecimento como forma de solidificar suas bases teóricas, particularmente com as contribuições da Etnologia, da Psicologia e da própria Linguística.

[...] o novo domínio pretende descrever e interpretar o comportamento linguístico no contexto cultural e, deslocando o enfoque tradicional sobre o código linguístico, procura definir as funções da linguagem a partir da observação da fala e das regras sociais próprias a cada comunidade (ALKMIM, 2003, p. 30).

Nesse cenário que se instaura, entretanto, William Labov, ao se esforçar para incluir o elemento social nos estudos da linguagem, focando na relação entre língua e sociedade e no estudo sistemático da variação linguística como constitutiva da língua falada, foi elevado a estudioso de referência na área e seu estudo tomado como modelo teórico-metodológico (TARALLO, 1997).

Estudando o inglês falado na comunidade de Martha's Vineyard, Labov, em 1963, apresentou os resultados de sua pesquisa, confirmando a necessidade de se levar em conta o componente social no estudo da variação linguística. Buscando compreender o comportamento linguístico dos vineyardenses em relação a alguns fones do inglês, o estudioso identificou que tais comportamentos mantêm relação intrínseca com variáveis como idade, sexo, ocupação étnica e atitude. Seu estudo, de natureza quantitativa, foi nomeado Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, particularmente em razão de outro estudo realizado pelo pesquisador, em 1964, no qual observou o inglês vernáculo de adolescentes negros na região de Harlem, precisamente a estratificação social do inglês de Nova York (ALKMIM, 2003, p. 30),

As preocupações da Sociolinguística fundamentam-se em estudar fenômenos reais de linguagem, processo em que assume a postura de coletar de seus informantes narrativas de experiências pessoais, evitando discursos forçados e superficiais, alheios ao vernáculo do indivíduo. Em seus procedimentos, a abordagem teórica e metodológica de

investigação leva em conta a identidade social do falante e do receptor, analisando como o contexto social pode interferir na configuração dos estilos de linguagem desses indivíduos e como eles expressam determinadas atitudes linguísticas em relação a si mesmos e ao outro com o qual interage nas relações sociais.

Os conceitos-chave que orientam a pesquisa sociolinguística compreendem as noções de: variedade, variação, variável e variante.

- **variedade** – corresponde à atitude social perante a língua, em que, diante de diferentes formas de se falar, define-se a característica linguística de uma comunidade sobre a qual incidem aspectos geográficos. Um retrato dessa situação reside nos diferentes falares brasileiros, como o nordestino, o sulista, o mineiro, etc. Para Alkmim (2012, p. 42), a variedade pode ser entendida como dialeto ou falar.
- **variação** – compreende, em um mesmo contexto linguístico, a concorrência de duas formas com o mesmo valor referencial, ou o mesmo valor semântico, ou, ainda, o mesmo valor de verdade. No português brasileiro, um exemplo desse tipo de situação é o “tu” e o “você”.
- **variável** – diz respeito às diferentes formas de realização de uma variante, ou seja, no intercâmbio das formas “tu” e “você”, há aqui duas variantes para a segunda pessoa do singular, de modo que as duas formas são chamadas de **variantes** (COELHO et.al. 2015, p. 14-19).

Nessa trilogia conceitual, a variedade incide sobre formas em processo de variação, de modo que uma ou mais formas podem coexistir na língua sem, necessariamente, implicar alteração de significado. Nesse sentido, a variável linguística compreende um conjunto de variantes. Esse processo, de acordo com Labov (2008), não é aleatório, tendo em vista que sua ocorrência resulta das influências de fatores externos e internos à língua. A variedade, portanto, como dito anteriormente, atuando sobre os usos linguísticos, remete, em linhas gerais, ao conceito de **dialeto**, presente em qualquer variedade linguística de uma dada comunidade (SOUZA, 2015).

Passemos, na próxima seção, à compreensão desses processos na relação entre variação e mudança linguísticas.

VARIAÇÃO E MUDANÇA: FENÔMENOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

Variação e mudança linguísticas são fenômenos registrados na língua, de modo que investigá-los implica definir uma concepção de língua, pois, conforme Saussure, “é o ponto de vista que cria o objeto” (SASSURE, 1977, p. 15).

Embora variação e mudança tenham sido intuídas desde tempos imemoriais, precisamente o século XIX, de acordo com Matos e Silva (2002), é a Sociolinguística, corrente linguística que relaciona linguagem e sociedade, a fim de sistematizar a variação existente na linguagem, que irá desenvolver metodologia precisa para tratar a inter-relação entre estes fenômenos.

O diferencial da Sociolinguística em relação ao estruturalismo e ao gerativismo, correntes que a antecederam, está na sua definição de língua como sistema heterogêneo, lugar em que se entrecruzam e se correlacionam fatores intra e extralingüísticos, isto é, fatores tanto estruturais quanto sociais. Além disso, a rigorosidade de sua metodologia abarca não só a variação sincrônica das línguas, mas discute a mudança em curso ou em processo na estrutura da língua e na comunidade de fala, o que até então, no caso da mudança, se era feito apenas no tempo histórico real.

A Sociolinguística, sobretudo a de orientação laboviana, postula que toda mudança diacrônica acarreta uma variação sincrônica e que aquela pode ser acompanhada em sua complexidade, demonstrando-se as causas de seu condicionamento, seu ponto de instalação na estrutura e na sociedade, bem como as direções de sua implementação, além de permitir a avaliação, por falantes, das variantes de uma variável sob análise.

Conforme Matos e Silva (2002), sob o aparato de uma metodologia matematicamente quantificada, é possível à Sociolinguística, por exemplo, definir uma situação de variação como algo estável numa comunidade, ou como uma mudança em fase de implementação, ou de processo ou de conclusão, ou como estereótipo linguístico com probabilidade de tornar-se uma mudança. Enfim, variação e mudança ocupam o palco central da teoria.

Mas, afinal, quando posso falar na ocorrência de variação e de mudança na língua? Primeiramente, é preciso deixar claro que toda mudança implica uma variação, mas nem toda variação implica uma mudança, ou dito conforme Tarallo (1997): “[...] nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação”. Segundo, os fenômenos que envolvem variação e mudança são múltiplos, logo, torna-se

exaustivo discutir todos aqui. Deste modo, a partir de Beline (2011) e Chagas (2011), apresentamos alguns pontos da questão em debate.

A variação é um fenômeno que remete tanto à diversidade de línguas no mundo, mas, também, pode ser analisada em referência a um mesmo objeto, por exemplo, por meio de dois vocábulos, como o caso de *macaxeira* e *mandioca* em diferentes regiões do Brasil. Neste último caso, tem-se a variação denominada lexical, embora as variações possam ocorrer nos diferentes níveis da língua. Outrossim, numa mesma língua, há variações denominadas diatópica (diferenças que uma língua apresenta na dimensão de espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou diferentes países), diafásica (tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população), diamésica (variação associada ao uso de diferentes meios e veículos), além da própria variação diacrônica (aquela que se dá através do tempo). Observemos cada uma delas, na sequência, separadamente.

Tipos de variação

A **variação regional ou diatópica** (do grego *diá* = através de; e *topos* = lugar) permite identificar a origem regional de uma pessoa ao se observar seu modo de fala, posto que os padrões lexicais utilizados por uma pessoa são sempre muito particulares, como, por exemplo, os padrões entonacionais e determinados traços fonológicos. Além disso, esse tipo de variação incide sobre as questões espaciais entre cidades, estados ou países.

A **variação social ou diastrática** (*diá*, do latim *stratum* = camada = estrato) corresponde aos principais fatores sociais condicionantes da variação linguística, a exemplo do grau de escolaridade, o nível socioeconômico, sexo e gênero, a faixa etária, bem como a profissão dos falantes.

A **variação de registro, estilística ou diafásica** (*diá* do grego = *phasis* = expressão modo de falar) remete às diferentes formas de uso linguístico de um falante em diferentes situações de comunicação, especificamente, as escolhas que ele faz na sua interação com o outro, as quais podem ser caracterizadas pelas formas distintas de se corresponder com outro falante, sendo por carta, jornal, e-mail, sua própria fala, etc.

A **variação na fala e na escrita ou diamésica** está relacionada aos diferentes meios de comunicação para essas duas faces da linguagem. Assim, no caso da fala,

verifica-se maior espontaneidade, improvisação, enquanto na escrita há maior grau de formalismo, dada a natureza mais artificial desse tipo expressão, o que implica maior controle no dizer, maior rigidez para se atender aos padrões estabelecidos para os diferentes contexto sociais em que esse tipo de variação se faz presente (COELHO, et al., 2015, p. 83-85).

A **variação diacrônica** está pautada nas diferenças apresentadas em diferentes etapas históricas de uma mesma língua ou entre línguas diferentes (Diá = e do grego Khrónos = tempo).

Travaglia (2009), ao tratar o fenômeno da variação linguística e suas relações com o ensino da língua materna, toma emprestado dos estudos de Halliday, McIntosh e Stevens (1974) a classificação das variedades linguísticas que apresenta no cenário dos estudos sociolinguísticos no Brasil. Para o pesquisador, as variedades linguísticas podem ser organizadas em dois grandes grupos: variação dialetal e variações de registro.

Para Travaglia (2009, p. 42), a variação dialetal ocorre “[...] em função das pessoas que usam a língua” enquanto os registros dizem respeito ao uso que se faz dela. Enquanto a primeira está pautada no emissor, a segunda se volta para o receptor.

Nesse contexto, para que se falar em variação, é preciso se configurar a existência de uma variável e de duas ou mais variantes a ela associadas. Um exemplo desta situação é marca de plural no sintagma nominal (SN) no português falado do Brasil, em que à variável <s> de marcação de plural correspondem a duas variantes: a presença do segmento [s] e sua ausência [Ø]. Neste caso, denomina-se variável linguística um conjunto de duas ou mais variantes, e a estas as diferentes formas de se veicular um mesmo sentido. Outro exemplo de variação, conforme Beline (2011), na morfologia da língua, diz respeito à variável de infinitivo <r> também marcada pelas variantes de presença do segmento [r] e de sua ausência [Ø]. No nível sintático, o exemplo é de Tarallo e Duarte (1988) sobre o uso do pronome-sujeito de 3ª pessoa como objeto direto, contexto em que se observou a baixa frequência da aplicação do pronome clítico, preterido ora pelo preenchimento de um SN lexical, ora por um pronome lexical nominativo ou por uma categoria vazia/objeto nulo, levando-se em consideração, é claro, fatores sociais como escolaridade e faixa etária, mas também fatores estruturais.

No que diz respeito à mudança linguística, Tarallo (1997) observa que o estudo deste aspecto na língua deve guiar-se por uma articulação teórica e metodológica entre presente-passado-presente, ou seja, uma viagem de ida e volta. Chagas (2011), ao abordar

a questão, chama atenção para o fato de a mudança ser algo gradual, além de observar que mudanças ortográficas nem sempre significam mudanças linguísticas, visto que podem ou não acarretar alteração de pronúncia.

Segundo Chagas, as mudanças linguísticas podem estar presentes em todos os níveis da gramática de uma língua. Além disso, as línguas mudam, porque nunca estão prontas e, por se relacionarem com a sociedade, acabam por refletir as mudanças sociais, de modo que a heterogeneidade atravessada na língua e também na sociedade é a raiz de toda mudança, ou seja, a heterogeneidade social pode gerar heterogeneidade linguística e vice-versa. Assim como na variação, a mudança é favorecida ou dificultada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Sendo a mudança uma variação, seu processo na língua é constatado em situação que há a presença de duas variantes, uma mais antiga e outra mais nova, numa distribuição gradativa, ocorrendo o predomínio da variante mais nova diante da mais antiga, até a completa substituição desta por aquela, a exemplo da substituição do pronome *tu* por *você*, em muitas regiões do Brasil.

De acordo com Chagas (2011), uma mudança linguística pode estar relacionada tanto a elementos externos à língua e à sociedade em que ela se insere, como, por exemplo, o contato entre línguas, processo que acaba por modificar características de uma delas em seus próprios espaços geográficos, situação experienciada pelo latim no contato com línguas variadas cujo resultado foi sua modificação nas diferentes regiões em que se fazia presente, particularmente mudanças lexicais.

Outro fator relacionado à mudança diz respeito a elementos internos à própria língua e à comunidade em que ela é falada, a exemplo da marcação de função sintática no latim que, devido à perda de diversos sons finais, teve a necessidade de atribuir essa função a outros elementos, ocasionando uma ordem mais rígida quanto à função de cada elemento linguístico no interior do sintagma oracional (CHAGAS, 2011).

Há, ainda, que se considerar os tipos de mudança que incidem sobre a língua, segundo Coelho et al. (2010):

A **mudança em tempo aparente** abarca estudos que dizem respeito, numa determinada comunidade de fala, aos comportamentos linguísticos observados entre indivíduos de diferentes gerações, dentro de um determinado período, a fim de identificar e correlacionar, por exemplo a variável social idade e a variável linguística em estudo,

apontando: (i) mudanças regulares relacionadas à idade dos indivíduos; ou (ii) uma mudança em curso.

No caso de **mudança em tempo real**, os estudos comparam amostras de fala, em diferentes estratificações sociais, e em dois momentos diferentes, com espaço de cerca de vinte anos entre eles, para verificar a estabilidade e/ou mudança no indivíduo ou na comunidade, respectivamente, bem como observam diferenças de escrita em textos de séculos distintos.

Para a **mudança em curso**, ou seja, em andamento numa determinada comunidade de fala, os estudos captam-na em tempo real ou em tempo aparente.

Quando determinada palavra ou expressão é incorporada como vocábulo gramatical ou afixo no processo de evolução de uma língua, tem-se a **mudança por gramaticalização**, a exemplo de substantivos que atuam como preposições ou afixos, assumindo o comportamento de item lexical com função gramatical especificada, ocorrência típica na passagem do latim para o português em várias formas linguísticas.

As questões de variação e mudança são muito mais amplas e complexas, portanto vão muito além desta breve exposição. O olhar sobre as questões aqui retratadas inscreve-se no espaço teórico da Sociolinguística Variacionista de Labov, o que não significa o reconhecimento de outras abordagens teóricas como a própria dialetologia na Sociolinguística, a teoria da gramaticalização, a teoria paramétrica ou a teoria da otimidade, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Negar a variação é negar a natureza social do homem, o qual se comunica com seus semelhantes em diferentes contextos sociais que requerem práticas linguísticas distintas. A língua não é uma estrutura, como concebera Saussure, apartada do que é social, do sujeito e da história. A língua é um organismo vivo suscetível a constantes variações e mudanças.

Para compreender os reflexos sociais na língua, a Sociolinguística se propõe investigar a diversidade que a atravessa, analisando e identificando os diferentes fenômenos que incidem sobre a língua em seu uso real por falantes reais.

Labov, em suas investigações, condenou veemente o estudo da língua em que não se considera a natureza heterogênea do sistema, uma vez que a língua circula e absorve

as constantes mudanças sociais. Para ele, tantos os fatores intra quanto extralinguísticos são essenciais na compreensão da língua em ação, visto que nenhuma comunidade de fala é igual à outra, mas se distingue em suas particularidades linguísticas e culturais.

Nesse sentido, não há por que negar a natureza constitutiva da variação enquanto fenômeno que atravessa todo ato linguístico e, nas comunidades de fala, aciona mudanças linguísticas que, pouco a pouco, trazem à tona novas formas de linguagem. Tal processo é natural e constitutivo de todo ato de linguagem.

Estudar fenômenos sociolinguísticos como a variação e a mudança linguística é se debruçar sobre a natureza do homem e sobre a natureza heterogênea da própria língua.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES. (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ALKMIM, T. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. **Introdução à linguística: objetos teóricos**. São Paulo. Contexto, 2011.

CHAGAS, P. A mudança linguística. In: FIORIN, J. L. **Introdução à linguística: objetos teóricos**. São Paulo. Contexto, 2011.

COELHO et. al. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, I. L. et al. (org.). **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

HALLIDAY, M. A. K. McINTOSH, A.; STREVEENS, P. **As ciências linguísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATOS E SILVA, R. V. **Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1977.

SOUZA, A. C. S. **Africanidade e contemporaneidade do português de comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul**. 2015. 278f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

TARALLO, F.; DUARTE, M. E. L. Processos de mudança linguística em progresso: a saliência vs não saliência de variantes. **Ilha do Desterro**, v. 20, p. 44-58, 1988.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8923/8272>.

Acesso em: 12 ago. 2022.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

Recebido em: 01/09/2022

Aprovado em: 30/09/2022

Publicado em: 05/10/2022